

RELAÇÕES ENTRE LÍNGUA, SUJEITO E DICIONÁRIO A PARTIR DO USO DAS UNIDADES LÉXICAS *RECICLAGEM* E *RECICLAR*

RELATIONS BETWEEN LANGUAGE, SUBJECT AND DICTIONARY FROM THE USE OF THE LEXICAL UNITS *RECYCLING* AND *RECYCLE*

Recebido:04/10/2023 Aprovado: 30/11/2023 Publicado:29/12/2023

DOI: 10.18817/rlj.v7i2.3323

Paulo Santiago de Sousa¹

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0003-4113-1085>

Resumo: Compreender e interpretar os sentidos que uma palavra pode produzir em determinadas conjunturas revela-nos o que vai além de uma simples palavra, mostra-nos nuances de sua história e de suas transformações. É sobre este olhar diante de dois verbetes, à primeira vista simples, reciclagem e reciclar, que nosso gesto de interpretação se inicia, levando em consideração a problemática do momento em que o verbete reciclagem é utilizado para definir a capacitação de professores. A presente pesquisa teve como objetivo analisar como são apresentados os verbetes reciclagem e reciclar em dicionários de Língua Portuguesa publicados no Brasil no século XX; refletir acerca do funcionamento discursivo dos verbetes a partir da análise de diferentes dicionários monolíngues, observando a produção de efeitos de sentido nas relações entre língua, sujeitos e dicionários; compreender os diferentes sentidos que os verbetes carregam em diferentes condições de produção, e comparar as definições quanto aos usos em recortes de textos de circulação social. Para desenvolver nosso gesto de interpretação, utilizamos como aparato teórico a Análise do Discurso (AD), tal como foi concebida por Pêcheux (1988) e desenvolvida, no Brasil, sobretudo, por Orlandi (2007), dentre outros, em diálogo com a História das Ideias Linguísticas (HIL). Arriscamo-nos a inferir que, na formação discursiva (FD) em que se encontra a unidade léxica reciclagem, esta é atribuída a materiais, e não a sujeitos. Como a palavra reciclagem faz referência a materiais, outros sentidos são silenciados, fazendo com que reciclagem de sujeitos seja silenciada, o que acarreta, no imaginário de cada falante, estranhamento quando se ouve a expressão “reciclagem de professores/funcionários”, sendo considerada não pertinente.

Palavras-chave: Reciclagem; Reciclar; Análise do Discurso; Produção de sentido.

Abstract: Understanding and interpreting the meanings that a word can produce in certain circumstances reveals to us what goes beyond a simple word, it shows us nuances of its history and transformations. It is with this look at two words, at first glance simple, recycling and recycling, that our gesture of interpretation begins, taking into account the problems of the moment in which the word recycling is used to define teacher training. The present research aimed to analyze how the entries recycling and recycling are presented in Portuguese language dictionaries published in Brazil in the 20th century; reflect on the discursive functioning of entries based on the analysis of different monolingual dictionaries, observing the production of meaning effects in the relationships between language, subjects and dictionaries; understand the different meanings that the entries carry in different production conditions, and compare the definitions regarding their uses in excerpts from socially circulated texts. To develop our gesture of interpretation, we use Discourse Analysis (DA) as a theoretical apparatus, as it was conceived by Pêcheux (1988) and developed, in Brazil, mainly, by

¹ Doutor em Linguística e Língua Portuguesa (UNESP/FCLAR); Mestre em Linguagens e Saberes na Amazônia (UFPA), área de concentração Leitura e Tradução Cultural; Especialista em Letras - UFPA e em Cultura Teológica (Universidade Católica Dom Bosco); Licenciado em Letras (UFPA) (Habilitação em Língua Portuguesa); Licenciado em Computação (UFRA). Tem interesse por pesquisas na área de Linguística, especialmente em Lexicologia, Lexicografia, Terminologia, Terminografia, Socioterminologia, Terminologia Cultural e Sociolinguística. Foi professor substituto de Linguística e Língua Portuguesa na UFPA, Câmpus de Bragança nos anos de 2022 e 2023. E-mail: profpaulosantiago@gmail.com

Orlandi (2007), among others, in dialogue with History of Linguistic Ideas (HIL). We risk inferring that, in the discursive formation (DF) in which the lexical unit recycling is found, it is attributed to materials, and not to subjects. As the word recycling refers to materials, other meanings are silenced, causing recycling of subjects to be silenced, which causes, in the imagination of each speaker, strangeness when they hear the expression “recycling of teachers/employees”, being considered not relevant.

Keywords: Recycling; Recycle; Speech analysis; Production of meaning.

Introdução

Compreender e interpretar os sentidos que uma palavra pode produzir em determinadas conjunturas, revela-nos o que vai além de uma simples palavra, mostra-nos nuances de sua história e de suas transformações. É sobre este olhar diante de dois verbetes, à primeira vista, simples: reciclagem e reciclar que nosso gesto de interpretação se inicia, haja vista a problemática ao que se instaura quando tais unidades lexicais são utilizadas para definir capacitação de professores.

Porém, como uma palavra pode carregar determinados significados e ocupar determinados contextos? Em que momento surge o verbete reciclagem e quando passou a definir capacitação de professores? De que forma o esse verbete produz sentido em outras conjunturas? Quais os contextos e significados de uso?

Analisar os sentidos que as palavras podem suscitar é relevante para compreender e interpretar a linguagem, pois “o sentido, para a AD, não está já fixado a priori como essência das palavras, nem tampouco pode ser qualquer um: há a determinação histórica” (Orlandi, 2004, p. 27). Nesta perspectiva, a língua funciona como um observatório de discursos em que várias possibilidades de visualização emergem, e se faz necessário optar, ponderar, averiguar, sugerir; e dentre essas possibilidades, este trabalho ancora-se no ponto de vista que “estabelece relações entre o que está posto na língua e o que passa a ser institucionalizado pela língua” (Petri, 2008, p. 228). Numa tentativa de dar conta do que é institucionalizado, temos um instrumento linguístico designado dicionário, um espaço, por excelência, que designa sentidos aos itens lexicais, o que não garante o uso efetivo de todos os sentidos expostos na obra lexicográfica.

O dicionário, para Auroux (1992) é um instrumento linguístico, bem como é ainda hoje um dos pilares de nosso saber metalinguístico, embora não fizesse parte da tradição linguística inicial. O autor afirma que o dicionário monolíngue é herdeiro do trabalho dos léxicos multilíngues que estabeleceram as primeiras listas de vocabulários dos vernáculos. Contudo, o dicionário possuía outra

finalidade que era a normatização do idioma, passando lentamente por transformações até se tornar mais complexo, agregando maiores significações. Nosso trabalho teve como gesto de interpretação analisar como são apresentados os verbetes reciclagem e reciclar em dicionários de Língua Portuguesa, publicados no Brasil, no século XX, refletindo acerca do funcionamento discursivo dos verbetes a partir da análise de diferentes dicionários monolíngues e, ainda, analisando a produção de efeitos de sentido nas relações entre língua, sujeitos e dicionários. Além disso, buscamos compreender as diferentes acepções que tais verbetes exprimem em condições diversificadas de produção e comparar as definições aos usos em recortes de textos de circulação social.

Para o desenvolvimento do nosso gesto de interpretação, utilizamos da Análise de Discurso (AD), de vertente francesa, a qual Orlandi afirma (2007), relaciona o linguístico ao histórico, ideológico, e da História das Ideias Linguísticas (HIL), que conforme Nunes (2006) considera gramática e dicionário como instrumentos linguísticos. Levamos em consideração os discursos presentes nos verbetes reciclagem e reciclar e os recortes de textos de circulação social utilizando tais palavras, visto que “[...] o discurso é essa conjugação necessária da língua com a história, produzindo a impressão de realidade” (Orlandi, 2004, p. 40).

De acordo com Barros (2000, p. 75),

O dicionário produz, na nossa sociedade, certos efeitos de sentido bem conhecidos: de lista, inventário ou registro do saber linguístico de uma sociedade; de discurso competente sobre a língua; de discurso anônimo da coletividade; de neutralidade e imparcialidade próprias da "objetividade" do saber, isto é, de que está fora do alcance das determinações sócio históricas e ideológicas; de ter o papel normativo de legitimar ou de referendar os usos linguísticos aceitos e prestigiados em uma sociedade e de regulamentar a manutenção e a mudança linguísticas.

Refletir sobre os efeitos de sentido nas relações entre língua e sujeito, considerando que tais efeitos podem ser analisados nas definições dos verbetes reciclagem e reciclar foi o nosso principal objetivo. Para tanto, além da introdução, estruturamos este texto nos seguintes tópicos, a saber: Dicionário: sua história fora e no Brasil; Dicionário: instrumento linguístico; Metodologia de análise e as considerações finais.

Dicionário: sua história fora e no Brasil

O dicionário é ainda hoje um dos pilares do nosso saber metalinguístico juntamente com a gramática, considerados também tecnologias. É um instrumento linguístico que surge paralelamente no século XVI como monolíngue, o mesmo que conhecemos até hoje, o qual avança no que se refere à localização das línguas faladas e da construção de exemplos os quais resumam suas relações estruturais e de filiações (Auroux, 1992).

Para Auroux (1992), os dicionários não faziam parte da tradição linguística inicial no sentido em que entendemos, o qual para nós fornece tópicos que tratam de interpretar conforme este procedimento. Argumenta que o dicionário moderno é posterior à imprensa e a gramatização dos vernáculos europeus, já a lexicologia é mais antiga que a gramática. Especifica que a lexicografia é um texto disposto conforme certa ordem dada às palavras, constituindo-se inicialmente conforme os seguintes eixos:

a. Listas temáticas de vocabulário (que passam de língua a língua; [...], que podem ser reduzidas a uma profissão (medicina) ou a um setor só da realidade (as plantas, as armas etc.). Esses tipos de listas constituem sem dúvida os mais antigos instrumentos pedagógicos da humanidade. Elas podem existir antes da escrita e, se não têm originariamente uma vocação linguística, adquirem-na facilmente. As *nominalia*, como as chamamos na Idade Média, foram o suporte onomasiológico da aprendizagem medieval do latim. É assim a *Elementarium doctrinae arudimentum* do italiano Papias (século XI). Mas elas podem também servir para os vernáculos [...]. A classificação onomasiológica será frequente até o século XVI. Podemos relacionar a estas obras os modelos de diálogos, cartas etc. que tocam sempre um sujeito específico; b. Em uma língua dada, listas de palavras antigas e difíceis, de homônimos, de sinônimos, dicionários de rimas léxico de autor etc. [...] c. Glossários independentes alfabéticos mono-, bi- ou n-lingues.[...] Os dicionários bilíngues se multiplicam geralmente entre o fim do século XIV e o do XV (Auroux, 1992, p. 72).

O autor argumenta que o motivo pelo qual apareceram os dicionários monolíngues deve-se a confusão entre enciclopédia e dicionários linguísticos: a diferenciação entre dicionário de coisas e de palavras. A origem do dicionário monolíngue moderno vem dos glossários tipo c. que se encontram desde a Idade Média que popularam no renascimento.

Um dos dicionários mais célebres era em seu início monolíngue, porém passou a comportar dezenas de línguas, passando de “[...] língua a língua [...]” que justifica o instrumento linguístico e o carreamento de seus componentes

enciclopédicos e letrados [...] no que concerne às línguas vivas, nos manuais de conversação ou diálogos” (Auroux, 1992, p. 73). O dicionário monolíngue o qual era de uso dos nacionais é herdeiro do trabalho dos léxicos multilíngues que estabeleceram as primeiras listas de vocabulários dos vernáculos. Contudo, o dicionário possuía outra finalidade naquela época que era a normatização do idioma, passando lentamente por transformações até se tornarem mais complexos, incluindo pronúncia, sinônimos, homônimos, antônimos etc. (Auroux, 1992). No Brasil, Nunes (2006) menciona que o surgimento da lexicografia ocorreu com a expansão das nações europeias durante a colonização e exploração do Novo Mundo. O que veio primeiro foram as gramáticas dos vernáculos, como exemplo a do português, de Oliveira (1536), para depois surgir os primeiros dicionários monolíngues de Bluteau, em 1712 e de Moraes em 1789. Após isso, o autor nos mostra que no Brasil no início da colonização surge a descrição de línguas indígenas e a gramatização de três delas: o Tupi, o Kariri e o Manau.

Os estudos sobre o português no Brasil iniciaram somente com o movimento romântico e a Independência no final do século XVIII e início do XIX. “Considerar o dicionário como um instrumento linguístico implica em concebê-lo como uma alteridade para o sujeito falante, alteridade que se torna uma injunção no processo de identificação nacional, educação e divulgação de conhecimentos linguísticos” (Nunes, 2006, p. 50).

Os primeiros dicionários brasileiros foram elaborados nos séculos XVI-XVII por jesuítas, sendo estes bilíngues Português-Tupi, como afirma Nunes (2006). Contudo, há produção de relatos de viajantes e missionários que podem ser considerados como precursores das práticas lexicográficas. Afirma que os dicionários monolíngues nomeados como o de Moraes de 1789, produzidos em Portugal por um autor brasileiro do Rio de Janeiro é que marcam este momento como importante. Porém, os dicionários monolíngues continuam a ser produzidos agora por autores que tinham ligações com as novas instituições do I império.

Nunes (2006) menciona que na segunda metade desse século XXI, que surgem os dicionários de complemento aos dicionários portugueses, regionalistas, brasileirismos e termos técnicos. A partir disso, o processo de dicionarização brasileiro seguiu seis etapas, a saber: a primeira foi a de transcrição alfabética de termos indígenas; a segunda etapa envolvia citações, comentários, traduções de termos indígenas; a terceira, diálogos, listas temáticas de palavras da língua

indígena e língua portuguesa e da língua portuguesa e língua indígena; a quarta etapa foi de dicionários bilíngues de língua portuguesa – língua indígena; a quinta etapa, dicionários bilíngues, língua indígena-língua portuguesa e, por último, dicionários monolíngues de Língua Portuguesa no Brasil. Por meio das concepções de Nunes (2006), constatamos o desejo e a importância de um dicionário brasileiro, representante de seu povo e sua fala, como aquele considerado por Silva (2008) como um dos símbolos da nacionalidade.

Dicionário: instrumento linguístico

O dicionário é conhecido como um material de consulta, uma referência que se encontra disponível aos leitores nos momentos de dúvidas e de desejo de saber “Trata-se de um dos lugares que sustentam as evidências dos sentidos, funcionando como um instrumento de estabilização dos discursos” (NUNES, 2006, p. 11). No dicionário podemos encontrar, conforme o autor dizeres de uma sociedade e os discursos em determinadas conjunturas históricas, bem como, observar que o dicionário se transforma, evolui, se atualiza e se renova constantemente. Segundo Aroux (1992) não dominamos certamente a maioria das palavras que se encontram nos dicionários monolíngues que são produzidos a partir do final do Renascimento, ou de contrário se tornariam inúteis, pois se soubéssemos todas as palavras, os dicionários perderiam a sua utilidade, a não ser para aprender uma língua estrangeira.

Para termos esse olhar sobre o dicionário, precisamos utilizar da Análise do Discurso entrelaçada com a História das Ideias Linguísticas, pois dessa maneira metódica Nunes (2006) afirma que podemos observar e compreender de que forma o dicionário produz sentidos em certas conjunturas, levando-se em consideração sua materialidade discursiva. Para o autor, o sentido não é isolado, mas, sim, compreendido nas redes de significações, nas quais ocorre o encontro da memória lexicográfica com o lugar de atualidade.

Os sentidos do dicionário são estabelecidos por meio da relação entre locutores, que envolve muitas posições sociais, como leitores, lexicógrafos entre outros envolvidos com o dicionário. O discurso pode ser também uma prática exercida em diversas conjunturas. E, como todo discurso está situado em uma realidade comunicativa e sócio-histórica, o dicionário não é diferente, uma vez que

“tem uma história, ele constrói e atualiza uma memória, reproduz e desloca sentidos, inscrevendo-se no horizonte dos dizeres historicamente construídos” (Nunes, 2006, p. 18). Desse modo, é importante salientar que

[...] o dicionário não é algo que estaria na mente das pessoas desde que elas nascem, mas, sim, algo que é produzido por práticas reais em determinadas conjunturas sociais, ou seja, o dicionário é produzido sob certas ‘condições de produção dos discursos’. E as palavras não são tomadas como algo abstrato, sem relação com os sujeitos e as circunstâncias em que eles se encontram, mas sim como resultantes das relações sociais e históricas, relações essas que são complexas e, por vezes, polêmicas ou contraditórias. Assim, o dicionário é visto como um discurso sobre a língua, mais especificamente sobre as palavras ou sobre um setor da realidade, para um público leitor, com certas condições sociais e históricas (Nunes, 2010, p. 7).

As condições de produção de um dicionário, de acordo com o autor, têm relações com as formações sociais e os lugares que os indivíduos aí ocupam, funcionando no processo discursivo como “[...] formações imaginárias que ‘designam o lugar que A [produtor] e B [destinatário] se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro” (NUNES, 2006, p. 19).

Através do imaginário é que os sujeitos significam o real no discurso, pois a relação entre sujeito e real exterior é mediada pelas representações imaginárias. Nesse sentido, Nunes (2006) expõe, ainda, que o dicionário nunca é completo, bem como não reflete diretamente a realidade, visto que corresponde a uma projeção imaginária do real que contempla o público leitor e a concepção de língua e de sociedade.

Quanto ao estudo das condições de produção, Nunes (2006) afirma que os prefácios dos dicionários são importantes, pois trazem a voz do lexicógrafo que se encontra em determinado contexto. A análise do prefácio não basta, pois, o texto dicionarístico possui uma história que o lexicógrafo organizador não consegue apreender e que às vezes não coincide com o que o discurso dos prefácios determina. A análise dos verbetes apresentam-nos os traços da posição do lexicógrafo, fazendo com que ocorram questionamentos quanto à evidência ou a neutralidade das definições, das exemplificações, etc., podendo relacioná-las com o lugar que o lexicógrafo está em uma formação social.

Por meio do que foi argumentado, Nunes (2006) garante que temos então o sujeito lexicógrafo historicamente constituído, o qual se constitui “[...] de um desejo

linguístico (do ajuste entre o real e a língua, pela palavra) e de uma injunção histórica, de maneira que a AD trabalha a articulação entre a psicanálise e o estudo histórico das formações sociais” (Nunes, 2006, p. 21).

A relação do sujeito com o real é de incompletude e falha, pois o real escapa ao sujeito que sempre o quer interpretar. “Definir as ‘palavras’ e suas significações é esquecer de que se está definindo, *ao mesmo tempo*, o sujeito em seu lugar social: as palavras aparecem como se estivessem sentido em si mesmas [...]” (Nunes, 2006, p. 22).

Nunes (2006) afirma que nesse esquecimento o lexicógrafo encontra-se em posição de dizer que uma palavra X significa Y em vez de Z. Essa relação chama-se esquecimento número 2 que é a transparência dos sentidos que se apresentam como colados à realidade. Já quando o lexicógrafo surge no lugar daquele que domina os sentidos e sujeitos, incluindo as significações de acordo com os locutores, o autor trata esse esquecimento de número 1, o qual o sujeito tem a ilusão de ser origem dos sentidos.

As condições de produção dirigem a mostrar a relação dos dicionários com a conjuntura sócio histórica em que ele se encontram. Pensar no histórico por longo prazo fez com que nós refletíssemos sobre as transformações das condições de produção, as modificações de processos discursivos, deslocamentos de sentidos e no que é diferente, e com a ajuda do dicionário pudemos pensar nessas transformações.

O interdiscurso é a memória do dicionário, do dizer e de tudo o que já foi dito em algum momento, ou seja, pode ser considerado um espaço de memória discursiva, visto que a sua elaboração é um trabalho sobre o já dito, de seleção, retomada, reformulação etc. “Considerar o dicionário como um instrumento linguístico implica em concebê-lo como uma alteridade para o sujeito falante, alteridade que se torna uma injunção no processo de identificação nacional, educação e divulgação de conhecimentos linguísticos” (Nunes, 2006, p. 43). Partindo disso, ressaltamos que analisar o dicionário é procurar compreender esta forma de alteridade, além de descrever e interpretar sua materialidade linguística. Assim

[...] para a análise dos dicionários, trabalhamos um campo com formações discursivas concorrendo em diferentes conjunturas históricas. Nesse conjunto, descrevemos alguns espaços discursivos, mostrando

as formações discursivas concorrendo em contato, as passagens de uma a outra, as regiões de fronteira e de delimitação (Nunes, 2006, p. 25).

A formação discursiva é importante para a compreensão das regularidades do discurso, pois, conforme Pêcheux (1988) é ela que define, por meio de uma posição e conjuntura dada, o que pode ser dito, bem como o que deve ser dito. Orlandi (2007) afirma que as formações discursivas podem ser consideradas regionalizações do interdiscurso, ou seja, estruturas específicas dos discursos em suas relações. Para a autora, as formações discursivas são heterogêneas, constituindo-se na relação com outras formações discursivas, isto é, os discursos não possuem origem pura, visto que são constituídos por outros discursos, o que faz com que exista um processo contínuo de produção de sentidos.

Ler um dicionário como discurso nos leva “[...] a localizá-lo em meio aos saberes em circulação em uma sociedade e a compreender, a partir do estudo da materialidade dos textos, os gestos de interpretação dos sujeitos lexicógrafos”. (Nunes, 2006, p. 243). Essa nova possibilidade de trabalhar com o dicionário como um discurso modifica as relações que os sujeitos possuem com as palavras, pois se leva em consideração língua, sociedade e história.

Metodologia de análise

É na escola que temos os primeiros contatos com o dicionário. Buscamos, basicamente, por definições, porém não o percebemos como um espaço discursivo, assim como não refletimos sobre sua constituição e funcionamento em sociedade.

Reiterando o que apresentamos anteriormente, segundo Orlandi (2007), para desenvolvermos um possível gesto de análise, precisa-se constituir um *corpus* experimental ou de arquivo, o qual segue critérios teóricos que objetivam a exaustividade almejada, chamada de vertical que “[...] leva a consequências teóricas relevantes e [...] trata de ‘fatos’ da linguagem com sua memória, sua espessura semântica, sua materialidade linguístico- discursiva” (Orlandi, 2007, p. 63).

Nossa proposta é refletir sobre os verbetes *reciclar* e *reciclagem* a partir da perspectiva teórica da Análise do Discurso (AD), tal como foi concebida por Michel Pêcheux e desenvolvida, no Brasil, por Eni Orlandi, dentre outros, em diálogo com a História das Ideias Linguísticas (HIL). Em AD, o sentido é concebido como “relação

a”, refletindo nos nossos movimentos de análise. A partir disso, analisamos as relações entre os enunciados lexicográficos, confrontando o que é “dito” em um verbete e em outro, descrevendo as diferenças, as repetições, as retomadas e as reformulações.

O desenrolar da trama: reciclagem e reciclar

Conforme Nunes (2006), a configuração interna dos verbetes produz um discurso que tem a presença de certas marcas de domínio, de etimologia e variação das formas de definição etc. Nos verbetes, encontramos sentidos que se repetem, apagam-se e emergem, além de podermos analisar as condições de produção, o interdiscurso e as formações discursivas, visto que, na AD, história e língua relacionam-se.

Nosso estudo consiste em uma tentativa de análise discursiva dos verbetes *reciclar* e *reciclagem* e, para tanto, utilizamos o Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (NDALP). Para Nunes (2006, p. 22), “definir uma palavra é atribuir uma unidade imaginária a uma porção do real, unidade que falha, desvanecendo-se logo e criando o desejo de complementação, de reformulação, de reedição, numa repetição que se desdobra na medida em que a história lhe dá lugar”.

O dicionário, em sua maioria, encontra-se organizado a partir da nota da editora, prefácio, tabela de transcrições fonéticas, abreviaturas, siglas e sinais convencionais, formulário ortográfico, Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) e os verbetes dispostos em ordem alfabética. Com relação ao verbete, este é entendido como “unidade básica de organização do dicionário, o verbete compõe-se de uma entrada e um conjunto de informações sobre a própria entrada” (BRASIL, 2006, p. 155). Para melhor explicitarmos, apresentamos o próprio verbete *dicionário*.

dicionário. [Do lat. med. *dictionary*] **S. m.** 1. Conjunto de vocábulos duma língua ou de termos próprios duma ciência ou arte, dispostos, em geral, alfabeticamente, e com o respectivo significado, ou a sua versão em outra língua. 2. Obra ou livro que os consigna: “Para todas as coisas: dicionário/ Para que fiquem prontas: paciência” (Nando Reis, na canção *Diariamente*.) [Sin. (pop.), nesta acepç.: *desmancha dúvidas, pai-dos-burros, tira-teimas*.] 3. Exemplar DCE uma dessas obras. 4. **Dicionário Vivo.** [Cf. *dicionário*, do v. *dicionar*] **Dicionário de Dados.** *Inform.* Documento originado no projeto conceitual de um sistema de informações, e que define nomes, significados, domínios e outras características específicas dos itens que constituirão o banco de dados do sistema (21). **Dicionário eletrônico.** *Inform.* Modalidade eletrônica

de dicionário (2). **Dicionário vivo**. V. *enciclopédia* (3). [Tb. Se diz apenas dicionário.] (Ferreira, 2004, p. 674).

O verbete constitui-se conforme a cartilha Dicionário em sala de Aula (2006), como uma unidade que possui a entrada, ou seja, a palavra que queremos definir, e um enunciado explicativo que se constitui de acepções numeradas, consideradas as definições. No exemplo do verbete dicionário, temos a estrutura do verbete formada pela entrada, entre colchetes a origem da palavra dicionário, e as quatro acepções formadas pelas definições. Na acepção **1** temos a definição “Conjunto de vocábulos duma língua ou de termos próprios duma ciência ou arte, dispostos, em geral, alfabeticamente, e com o respectivo significado, ou a sua versão em outra língua”. Também temos as entradas secundárias que são palavras derivadas da entrada principal, como Dicionário Eletrônico. Por meio dessas considerações é que se inicia o desenrolar da “trama”.

O verbete reciclagem tem entrada no dicionário com apenas uma definição, sendo esta relacionada à atualização, ou seja, atualizar-se, tornar-se atualizado pedagogicamente, culturalmente etc. com objetivo de após a reciclagem obter-se melhores resultados, e para obter-se melhores resultados, há a necessidade de se passar pela reciclagem.

Além disso, a definição precede a [De *re-* + *ciclo* + *-agem*] e a especificação da classe gramatical abreviada por *S. f. Bras.* Conforme o tópico intitulado *ABREVIATURAS, SIGLAS E SINAIS CONVENCIONAIS USADOS NESTE DICIONÁRIO* do NDALP (1975), a abreviatura *S.* é utilizada para substantivo, *f.* para nomear feminino, *folha* e *forma* (*s*), e *Bras.* abreviado para Brasileirismo.

O termo Brasileirismo surgiu, conforme Nunes (2006), no final do século XIX, juntamente com os dicionários de complementos, dicionários de regionalismos, dicionários de termos técnicos e Dicionário de brasileirismos, os quais possuíam termos utilizados no Brasil que estavam organizados em listas e pequenos dicionários. “Os brasileirismos são considerados como ‘termos’, ‘palavras’ ou ‘expressões’ que, por sua diferença de sentido ou de significação com relação à língua portuguesa, ganham um estatuto linguístico definidor de nacionalidade”. (Nunes, 2006, p. 226). Assim, com o brasileirismo evidenciava-se a diferenciação entre o léxico brasileiro e o léxico português europeu e a partir desse momento surgem os primeiros movimentos rumo ao léxico português brasileiro.

O verbete reciclar possui apenas uma definição que retoma a palavra reciclagem, em que esta classe gramatical é fazer a reciclagem de, ou seja, fazer uma atualização para se alcançar melhores resultados, o que nos retorna à definição desse verbete. Constatamos também que reciclar é classificado pelo dicionário como um brasileirismo da mesma forma que reciclagem, porém um verbo transitivo (V. t.), aquele que precisa de um complemento para fazer sentido.

Nunes (2006) argumenta que há sempre a relação entre paráfrase e polissemia, o mesmo e o diferente, o que já foi dito e o que vai dizer, para que os sentidos e os sujeitos se movimentem. E entre o mesmo e o diferente, o que foi e não foi dito, temos o que se atribui como silêncio.

O funcionamento do silêncio atesta o movimento do discurso que se faz na contradição entre o “um” e o “múltiplo”, o mesmo e o diferente, entre paráfrase e polissemia. Esse movimento, por sua vez, mostra o movimento contraditório, tanto do sujeito quanto do sentido, fazendo-se no entremeio entre a ilusão de um sentido só (efeito da relação com o interdiscurso) e o equívoco de todos os sentidos (efeito da relação com a *lalangue*) (Orlandi, 2007a, p. 17).

O dicionário é um trabalho sobre o já-dito, de reformulação, retomada, seleção, ruptura etc., por isso, é o espaço da memória discursiva. Assim, definir uma palavra é atribuir a ela uma unidade imaginária a uma porção do real, que queremos mobilizar agora em nosso gesto de interpretação. Para tanto, apresentamos recortes de textos de circulação social, nos quais os verbetes *reciclagem* e *reciclar* são utilizados, com o intuito de analisar quais são seus reais usos nos contextos sociais.

Nossa análise sobre os referidos verbetes perpassou diferentes gestos de interpretação para que pudéssemos averiguar desde as definições dos verbetes. Objetivamos compreender as transformações dos verbetes com o intuito de analisar todas as definições, perpassando outros dizeres que emergiam ao longo do trabalho.

Identificamos as repetições, os dizeres silenciados e as emergências que ocorrem nos verbetes. E, com relação às repetições, constatamos que há, sim, a repetição das definições, levando em consideração a primeira entrada das definições, bem como existe o silêncio e a emergência, o novo e a necessidade do movimento. Parafraseando Nunes (2006), podemos assegurar que o NDALP se transforma, se atualiza e se renova constantemente, pois é um dicionário, instrumento linguístico que nunca é completo.

Desse modo, a formação discursiva é aquilo que se realiza em uma conjuntura sócio-histórica, determinando o que pode e deve ser dito. Assim, as palavras possuem vários significados, uma vez que se escrevem em diferentes formações discursivas, e isso podemos constatar com a unidade léxica *reciclagem*. “Os sentidos não estão assim predeterminados por propriedades da língua. Dependem de relações constituídas nas/pelas formações discursivas” (ORLANDI, 2007, p. 44).

Nas palavras de Petri (2004, p. 222), “a designação vai receber sentido num determinado momento, numa determinada FD e, ao mesmo tempo, vai estar silenciando outros sentidos possíveis”. Por meio da citação, podemos afirmar que, quando utilizamos a palavra *reciclagem* para nos referirmos a sujeitos/pessoas, estamos silenciando seu uso a materiais (lixo).

Considerações Finais

Compreender os diferentes sentidos atribuídos aos verbetes *reciclagem* e *reciclar* foi o nosso principal objetivo neste trabalho, e a primeira inquietação surge quando se ouve o emprego de *reciclagem* nomeando um curso para professores. Muitas vezes, nos deparamos com a frase *reciclagem de professores/funcionários* e questionamo-nos como o emprego da lexia *reciclagem* produz sentido nessa conjuntura, visto que, normalmente, nossa memória busca relacioná-la à transformação de resíduos sólidos descartáveis em novos insumos.

Desta forma, podemos perceber que a nossa língua nos proporciona, muitas vezes, realidades dicotômicas, pois verbetes ou palavras podem ter variadas significações que acabam por confundir muitas vezes os falantes. Assim sendo, por meio das análises empreendidas no decorrer deste texto, constatamos que existe um complexo percurso de reflexão quanto ao uso da língua portuguesa. E ousamos dizer que o ensino-aprendizagem de língua portuguesa, numa contextualizada, pode contribuir com a ampliação do acervo vocabular do aluno, enquanto usuário proficiente do idioma.

Enfatizamos que nosso gesto de interpretação foi desenvolvido, relacionando a AD em diálogo com a HIL, pois, conforme Orlandi (2007), a AD prioriza a reflexão, a interpretação sobre a linguagem, o sujeito, a história e a ideologia. E foi a partir de

uma possível interpretação que nossa análise sobre a “unidade imaginária” e a “porção do real” se concretizou.

À vista disso, arriscamo-nos a inferir que, na função discursiva em que se encontra a unidade lexical *reciclagem*, esta é atribuída a materiais, e não a sujeitos, porque a palavra significará conforme a formação discursiva em que está inserida.

Como a palavra *reciclagem* se referiu, conforme analisada neste trabalho, a materiais, outros sentidos são silenciados, a exemplo do que se percebeu com a falta referência a sujeitos, o que ressoa de modo estranho no imaginário de cada pessoa quando se ouve comentários relacionando-a a formação continuada de professores/funcionários, sendo, desse modo, inadequada.

Referências

AUROUX, S. **A Revolução Tecnológica da Gramatização**. Campinas, Editora da Unicamp, 1992.

BARROS, K. S. M. **O discurso do dicionário**. Revista Alfa, São Paulo, 2000.

BARROS, K. S. M. **Produção Textual**. Natal: Editora da UFRN, 1999.

NUNES, J. H. **Dicionários no Brasil: análise e história do século XVI ao XIX**. Campinas: Pontes Editores, 2006.

ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio: nos movimentos do silêncio**. 6ª ed. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2007^a.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução de Eni P. Orlandi et al. Campinas, SP: Editora Unicamp, 1988 [1975].

PETRI, V. **Imaginário sobre o gaúcho no discurso literário: da representação do mito em Contos Gauchescos, de João Simões Lopes Neto, à desmitificação em Porteira Fechada, de Cyro Martins**. 2004. 322 f.. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.